

OS MAHATMAS IMAGINÁRIOS

A esotericista russa, Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) crescentemente está sendo reconhecida como a figura central na renovação ocultista do século dezenove, com uma influência que tem sido sentida em campos diversos, tais como a poesia, política e astrologia. Blavatsky é melhor conhecida, entretanto, como a fundadora do movimento da Teosofia moderna, que está baseado em princípios que ela afirmava ter recebido de homens vivos que ela denominou de 'Adeptos', 'Mestres' ou 'Mahatmas'.

Embora tanto no passado como no momento atual, muitas organizações derivativas incorporaram estes Mestres em seu conjunto de crenças, a realidade histórica dos patrocinadores ocultos de Blavatsky nunca foi investigada seriamente. Isto poderia ser parcialmente devido à falsa suposição sobre a qual todos os relatos foram baseados - que as afirmações de Blavatsky sobre os seus Mestres devem ser aceitas ou rejeitadas integralmente, nunca em partes. Entretanto, existe uma outra possibilidade que poderia representar a verdade: que os mestres foram pessoas reais que sofreram um processo de ficcionalização fantástica nos relatos de Blavatsky.

Os 'Mestres' de Blavatsky evoluíram em alguns poucos anos, desde o John King de fama nos meios espíritas da época, a Tuitit e Serapis Bey da Fraternidade Egípcia de Luxor até finalmente se centralizarem nos Mahatmas (grandes almas) hindus. Debaixo de sua alegada orientação, Blavatsky (frequentemente conhecida como HPB), seu sócio Henry Steell Olcott e outros, estabeleceu a Sociedade Teosófica (ST) em Nova Iorque em 1875. Três anos depois, os adeptos dirigiram Blavatsky e Olcott para a Índia, o que marcou o início de um período no qual a existência dos Mahatmas foi amplamente debatida.

Na Índia, a Sociedade cresceu rapidamente, principalmente devido às viagens dos seus fundadores e pelo sucesso de sua revista, O Teosofista. Os dois Mahatmas que mais se envolveram com a Sociedade Teosófica durante os anos hindus de HPB foram Morya e Koot Hoomi ou Kuthumi, que se dizia realizarem maravilhosos feitos psíquicos através dela. HPB insistia que havia permanecido anos estudando ocultismo com eles no Tibete, onde estes adeptos nascidos na Índia residiam.

A correspondência com Morya e Koot Hoomi foi instrumental para atrair um grande número de anglo-hindus proeminentes para a Sociedade. O mais notável desses conversos foi o editor de jornais, A.P. Sinnett, que escreveu dois livros 'O Mundo Oculto' e 'Budismo Esotérico', baseado nas cartas dos Mahatmas. Estas cartas freqüentemente chegavam de formas peculiares. No outono de 1880, HPB foi visitar Sinnett e sua esposa em Simla; durante a sua visita, os Sinnett ficaram espantados com os fenômenos ocultos que HPB realizou com o alegado auxílio dos Mestres. Primeiro, a Sra. Sinnett recebeu uma nota de Koot Hoomi encontrada no topo dos ramos de uma árvore. Poucos dias depois, uma xícara e um pires materializaram-se inesperadamente debaixo de um arbusto para um hóspede num piquenique durante a manhã e um broche que havia sido perdido miraculosamente apareceu para um outro hóspede durante o almoço. Antes que HPB saísse de Simla, uma nota de Koot Hoomi, juntamente com um outro broche materializou-se dentro de um travesseiro que pertencia à Sra. Sinnett. Depois que a Sociedade Teosófica mudou-se para Adyar em 1882, as cartas dos Mahatmas freqüentemente eram recebidas num armário denominado de 'sacrário',

localizado dentro da 'Sala Oculta', adjacente ao dormitório de HPB. Elas também caíram do teto em várias lugares e apareceram nas margens de correspondências seladas.

Ao redor de 1890, a Teosofia havia adquirido muitos discípulos hindus e estava começando a atrair também um grande número de europeus. Mas naquele ano, dois empregados desiludidos, Alexis e Emma Coulomb fizeram acusações de fraude contra Blavatsky, afirmando que eles haviam participado na fraude de fenômenos psíquicos direcionados para provar a existência dos Mahatmas. Entre as acusações dos Coulomb estava a de que o 'Sacrário' estava montado de maneira a permitir com que as cartas pudessem nele ser introduzidas através de um painel correção nos fundos, fazendo com que estas parecessem ter-se materializado paranormalmente. Suas acusações fizeram com que Richard Hodgson desse início a uma investigação, sendo enviado à Índia pela Sociedade Inglesa de Pesquisa Psíquica. Hodgson conclui que os Mestres realmente não existiam e que todas as suas supostas manifestações eram fraudulentas. Os Teósofos rejeitaram este relatório como tendo se baseado nas mentiras dos Coulombs.

No decorrer de um século, a opinião sobre o relatório de Hodgson ficou polarizada entre aqueles que o consideravam como uma prova definitiva de fraude e aqueles que o rejeitaram como totalmente injusto. Um século depois, em 1986, a Sociedade para a Pesquisa Psíquica publicou uma crítica, pelo especialista em caligrafia, Vernon Harrison, que desacreditou alguns elementos cruciais do caso de Hodgson contra Blavatsky. Mas os Teósofos super-valorizaram isto como uma espécie de vingança completa quando de fato muitas questões levantadas por ele permanecem ainda sem resposta.

Embora houvessem realmente Mestres reais conduzindo HPB naquela época, a correspondência de Koot Hoomi, pelo menos em parte, foi provada como fraudulenta, como se pode notar nas cartas recebidas por Olcott em Junho de 1883, dando instruções para forjar cartas para Sinnett. Primeiro, Morya escreveu: 'a menos que você coloque o seu ombro na própria roda, Kuthumi Lal Singh terá de desaparecer de cena neste outono. Muito fácil para você.' (1) Isto foi reiterado duas vezes, quando um outro adepto apareceu com a mensagem de Morya 'para colocar toda a sua alma na resposta a A.P.S. por K.H. Nesta carta estão em jogo os frutos do futuro. Que possa esta ser mostrada com honra para todos' (2). Finalmente, uma segunda carta de Morya fechou com a seguinte nota: 'Seja cuidadoso sobre a carta a Sinnett. Ela deve ser realmente uma carta adéptica.' Embora Hodgson estivesse errado em confiar nos Coulombs como testemunhas verídicas estava justificado em suspeitar que as cartas dos Mahatmas não eram aquilo que se dizia que eram.

Na primavera de 1885, Blavatsky deixou a Índia para sempre. Durante os próximos dois anos, ficou em vários lugares da Europa, trabalhando na sua magnum opus, 'A Doutrina Secreta'. Em 1887 foi para Londres, onde gastou os seus quatro últimos anos de vida rodeada por discípulos que a adoravam. Durante este período publicou 'A Doutrina Secreta', 'A Chave para a Teosofia' e 'A Voz no Silêncio', assim como muitos artigos de periódicos em inglês e francês. Morreu em 8 de Maio de 1891, deixando um legado de opiniões amargamente divididas sobre os seus Mestres, seus fenômenos ocultos e suas doutrinas Teosóficas.

Muitos ocultistas subsequentes incorporaram os Mestres de Blavatsky em seus ensinamentos. Seus descendentes espirituais diretos incluem figuras tais como Gottfried

de Purucker, Charles Whitman Leadbeater, Alice Bailey e Elizabeth Clare Prophet, que afirmaram manter comunicações com os Mahatmas de HPB. Mais indiretamente, a Sociedade Antroposófica de Rudolf Steiner e a Antiga e Mística Ordem de Rosae Crucis (AMORC) de H. Spencer Lewis e a Fraternidade Rosacruz de Max Heidel, todas afirmam que seus fundadores foram instruídos por adeptos que lembram aqueles descritos por Blavatsky. Os Mestres Secretos da Ordem Hermética do Amanhecer Dourado e da Ordo Templi Orientis estão claramente próximos dos Mestres Teosóficos. O professor caucasiano-grego G.I. Gurdjieff afirmava que os seus ensinamentos emanavam do 'círculo da humanidade consciente', que também lembra a fraternidade de adeptos de HPB (notemos que o próprio Gurdjieff e mesmo o seu principal expoente, Ouspensky, afirmaram ter estudado profundamente o material Teosófico, já que são contemporâneos de Blavatsky; portanto, não podemos afirmar em que medida não incorporaram os conceitos da Teosofia no sistema de idéias de Gurdjieff). Nos casos mais extremos, os Mestres são vistos como A Grande Loja Branca, uma espécie de governo secreto do mundo, que sofre uma oposição por mágicos negros malignos para desfazer os seus planos benevolentes.

Essa doutrina de uma guerra mágica incessante entre duas lojas opostas dá origem a uma série igualmente incessante de fantasias paranóicas. Entre as formas mais comuns, temos as ilusões de grandeza ('Sou o verdadeiro agente dos Mestres'), de perseguição ('A Loja Negra está me perseguindo'), de influência ('Os eventos são controlados pelos Mestres ou pelos seus oponentes') e referências (mensagens dos Mestres aparecendo de formas inesperadas). Tal paranóia conferiu, compreensivelmente, uma reputação aos Mestres como sendo produtos de mentes desequilibradas. Mas, contrariamente aos seus sucessores do século vinte, Blavatsky deixou uma abundância de pistas sobre as identidades históricas dos seus reais mestres, embora estas fossem ignoradas amplamente.

Para lidar com esses mistérios, será necessário olhar por detrás do mito ocultista que impediu um exame sério deste assunto. Meus cinco anos de cuidadoso exame das identidades dos patrocinadores de HPB forneceram um grande volume de informações sólidas sobre seus aliados ocultos. Ao justapor suas estórias dos Mestres com os registros históricos, torna-se possível determinar se ela realmente trabalhou numa espécie de acordo secreto com uma sucessão de líderes espirituais e políticos. Muito ainda continuará obscuro e algumas das identificações dos adeptos que aqui proponho são bastante especulativas, mas frequentemente são óbvias e simplesmente bem à vista de quem quiser verificá-las.

A fascinação de Blavatsky com o Tibete como fonte dos Mestres estava enraizada em sua experiência ainda em criança com a tribo Kalmuck, que praticava o Budismo Tibetano numa região próxima a Astracã, no sul da Rússia. (Seu avô materno foi o administrador nomeado pelo governo czarista para Kalmuck e para os colonos alemães na área). Adolescente, Blavatsky familiarizou-se com a Maçonaria Rosacruz praticada pelo seu bisavô, Príncipe Paul Doulgouki, em cuja grande biblioteca ocultista ela passou muitas horas. O príncipe Paul havia pertencido ao Rito da Estrita Observância, fundado na Alemanha ao redor de 1754, que afirma ter emanado de uma rede mundial de Superiores Desconhecidos e haviam rumores que ele havia se encontrado com os famosos magos do século dezoito conhecidos como os Condes Cagliostro e Saint Germain. O 'Conde Alessandro di Cagliostro', como se auto-denominava, havia promulgado o seu Rito Egípcio de Maçonaria no final do século dezoito na Europa,

atraindo um grande interesse da aristocracia com os seus feitos mágicos e afirmações grandiosas. Última vítima da Inquisição, tornou-se um mártir Maçônico cuja memória foi um ponto de convergência para os oponentes da Monarquia e da Igreja Católica.

Duas gerações depois, os líderes revolucionários italianos Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi tornaram-se heróis para os radicais por toda a Europa. Exerceram parte de sua influência através da liderança de sociedades como os Carbonari e os Ritos Maçônicos de Mênfis e Mizraim, que preservaram a herança de Cagliostro. Ainda jovem e tendo abandonado o seu marido (um homem de meia-idade com quem havia se casado impetuosamente aos dezessete anos), HPB viajou extensamente na companhia de Albert Rawson, um artista americano e mais tarde, com Agarti Metrovitch, um cantor de ópera húngaro. Ambos eram de convicções políticas radicais, filados à Maçonaria Egípcia de Cagliostro e com o Rosacrucianismo. Blavatsky parece ter estado ligada com o exilado Mazzini em Londres, nos anos 1850. Admitiu ter acompanhado Metrovitch para a Itália em 1867 para lutar ao lado de Garibaldi contra as forças papais na batalha de Mentana, onde foi seriamente ferida.

Durante os anos entre 1850 e 1860, Blavatsky familiarizou-se com o Sufismo, Cabala, Druzos e Cristianismo Copta.. Paolos Metamon, um mago Copta teve Blavatsky e Rawson como discípulos no Cairo, nos anos 1850. Este último ainda era o seu mentor vinte anos depois e aparentemente foi o modelo original do seu mestre 'Serapis Bey'. Nos anos 1870 no Cairo, ela já estava associada com vários outros esotericistas. Provavelmente entre eles estaria Jamal ad-Din al-Afghani, um reformador político, professor Sufi e Franco-Maçon, que mais tarde foi até a Índia na mesma época de Blavatsky e Olcott. Outras figuras do Cairo de onde ela poderia ter derivado a inspiração para seus 'Mestres' foram Louis Bimstein, judeu polonês que mais tarde tornou-se 'Max Theon', professor de Filosofia Cósmica (auxiliado por sua esposa, Alma, uma médium inglesa, Theon publicou os seus ensinamentos num periódico denominado La Revue Cosmique, publicado em Paris. Seu mais importante converso foi Mirra Alfassa Richard, que mais tarde veio a ser conhecida como 'a Mãe', a companheira de Sri Aurobindo em seu ashram em Podicherry, Índia. Richard incorporou os ensinamentos de Theon com os de Aurobindo. Theon gastou seus quarenta anos finais de vida na Argélia, onde morreu em 1927), assim como o vice-cônsul e líder Maçônico Raphael Borg. HPB, Metamon e Bimstein tentaram fundar uma sociedade oculta no Cairo em 1871 mas o esforço falhou.

Depois de mudar-se para Nova Iorque em 1873, Blavatsky reuniu-se novamente com Rawson e encontrou-se com os seus associados Maçons e Rosacruz, sendo o mais importante deles, Charles Sotheran, que tornou-se um co-fundador da ST. Sotheran pertencia à Societas Rosicruciana in Anglia e ao Rito Maçônico de Mênfis, ambos honrando Cagliostro. A ST também estava ligada à misteriosa Fraternidade de Luxor, no Egito, com que Bimstein estava filiado. Logo depois da fundação da ST, Blavatsky anotou em seu diário que ela havia recebido a ordem de fundar uma 'sociedade secreta, como a loja Rosacruz.' (4)

Já em 1879, Blavatsky e Olcott estavam considerando tornar a ST numa ordem maçônica, para isto sendo aconselhados por Sotheran e outros. Assim seria difícil superestimar a influência das sociedades secretas de então nos anos iniciais da história Teosófica.

Depois de sua chegada à Índia em 1879, entretanto, novas forças estavam atuando por detrás da cena e tornaram-se influências muito importantes sobre Blavatsky. Inicialmente ela e Olcott honraram como seu mestre a Swami Dayananda Sarasvati, o fundador do grupo reformador conhecido como Arya Samaj. Dayananda denunciava todas as práticas hindus e doutrinas oriundas do período pós-Védico e desejava remodelar a sociedade hindu baseado numa interpretação dos Vedas. Das memórias de Olcott torna-se claro que Blavatsky insistia que o Swami era um dos seus Mestres; mais tarde, depois de entrar em queda de prestígio devido à sua intolerância religiosa ele foi suplantado por outros Mahatmas hindus.

Quando o fluxo de cartas dos Mahatmas estava no seu auge, no início de 1880, a ST estava filiada com uma organização reformista Sikh, a Singh Sabha e a uma rede de marajás Sikhs e Indianos, numa coalisão secreta que se opunha aos missionários cristãos. Thakar Sing Sandhanwalia, presidente-fundador da Amritsar Singh Sabha, corresponde de forma muito intrigante às pistas deixadas sobre Koot Hoomi nos escritos de Olcott e Blavatsky. Seu movimento Singh Sabha enfatizava uma renovação dos estudos Sikhs e de sua literatura, promoveu ideais de reforma semelhantes aos do movimento Arya Samaj e foi especialmente eficiente em melhorar a educação no Punjab. A ST também estava ligada com outras organizações reformistas, como a Associação Indiana e o Congresso Nacional Indiano, que estavam devotados à renovação da cultura indiana e à obtenção de uma autodeterminação nacional.

O Marajá Rambir Singh de Kasmir corresponde de vários modos com Morya, tal como descrito por Blavatsky e foi indubitavelmente um dos maiores patrocinadores do seu trabalho na Índia. Já que os seus vassallos incluíam Muçulmanos, Budistas, Cristãos e Sikhs, Ranbir Singh estava profundamente motivado em promover a fraternidade religiosa. Ele era hindu, devotado à filosofia Vedanta, mas apoiou a tradução e publicação de escrituras de todas as fés representadas em seu reino. Vários outros marajás, incluindo os de Indore, Faridkot e Benares, ou se filiaram à ST ou tornaram-se seus patrocinadores.

Embora muitas das descrições de Blavatsky de Morya e Koot Hoomi tenham sido feitas no sentido de criarem confusão, ainda assim ela incluiu uma quantidade suficiente de informações precisas que permitem com que se possa compor um caso persuasivo no que se refere às suas identidades históricas. Em 1880, as cartas dos Mahatmas estavam cheias de referências ao Punjab e à Kashemira. Mas ao longo de poucos anos, uma estória de dissimulação sobre a sua residência num ashram Tibetano foi promovida e um número de testemunhos foram produzidos como tática diversionária. As cartas Mahatma davam instruções precisas de como realizar este engano, por exemplo, dizendo ao jovem discípulo hindu de Blavatsky, Mohini Catterji, para 'afirmar tão convincentemente quanto podia e fazer com que as testemunhas se encontrassem em Darjeeling e Dehra'.(5)

Blavatsky realmente manteve conexões no Tibete; o explorador bengali Sarat Chandra Das, que gastou mais de um ano ali, era íntimo de Olcott. Debaixo da autorização do primeiro-ministro do Panchem Lama, Das obteve um grande número de textos autênticos que parece ter transferido para HPB através de Olcott, para serem utilizados em seus escritos. Mas esta ligação muito indireta à corte do Panchem Lama (situada em Shigatse, Tibete do sul), nada tinha a ver com Morya ou Koot Hoomi, embora HPB

fizesse esforços elaborados para retratar seus Mahatmas hindus como residentes de Shigatse.

Em 1883, em pleno processo de geração de mitos, Olcott e alguns companheiros viajaram para Amritsar e Jammu, supostamente por instruções de Morya e Koot Hoomi, que os encontraram naqueles lugares. O registro histórico mostra que receberam as boas vindas em Lahore dadas pelos líderes do Singh Sabha e por Ranbir Singh. As improváveis afirmações sobre o Tibete representaram táticas diversionárias de tamanho sucesso que sequer Hodgson e escritores subsequentes procuraram pelos Mahatmas em outros lugares. Enquanto que a suspeita de Hodgson era de que HPB e os supostos chelas (discípulos) dos Mestres estavam engajados numa fraude se justificava, ele foi além disso. Erroneamente concluiu que os Mestres não existiam e que a missão de Blavatsky era de promover os interesses da Rússia.

Para HPB, a negação de Hodgson da existência dos Mestres era infinitamente preferível à sua suspeita da verdade de que estes eram apenas disfarces, como pode ser visto numa carta que ela escreveu em 1886 para Sinnett:

Sei de uma coisa, que se tudo chegar ao pior ponto e a verdade dos Mestres e as noções de honra vierem a ser questionadas - então eu faria uso de um expediente desesperado. Eu proclamaria publicamente que eu apenas fui uma mentirosa, uma farsante e tudo o mais que Hodgson quer me fazer parecer, que eu realmente INVENTEI os Mestres e que, através deste 'mito', do Mestre K.H. e M., protegeria os reais K.H. e M. do opróbrio. O que salvou a situação no Relatório é que os Mestres são totalmente negados. Se Hodgson tivesse tentado adiantar a idéia de engano e questionado a idéia de que Eles estavam ajudando ou encorajando ou mesmo favorecendo uma farsa através do Seu silêncio- eu já teria me adiantado e confirmado ante o mundo tudo que era dito de mim e desaparecido para sempre. (6)

HPB tinha várias razões para preferir a acusação de ter inventado os Mestres àquela de conspirar com eles num plano para iludir as pessoas. Ela havia visitado a Índia ao redor de 1857 e novamente em 1869, e havia se devotado à exploração espiritual naquele país com a mesma intensidade que o havia feito noutros lugares. Alguns de seus antigos conhecidos das visitas anteriores estavam envolvidos em sua decisão de recolocar-se na Índia em 1878-1879 e deram boas vindas à sua ajuda contra os esforços dos missionários Ocidentais. Mas também existia um aspecto político na sua relação com os Mestres que, se exposto, poderia causar sérios problemas tanto para ela quanto para eles.

Os objetivos publicamente admitidos pela ST eram genuinamente valorizados por Blavatsky e seus mestres da Índia, Egito e no Ocidente. Como geralmente são apresentados, eles são: 1) formar o núcleo de uma fraternidade universal, 2) estudar religião, ciências e filosofias comparadas e 3) investigar as leis ocultas da natureza e os poderes inatos na humanidade. Mas subjacentes a estes objetivos unânimes, haviam várias agendas ocultas. Os Mestres Maçônicos e Rosacruzes por detrás da formação da ST tinham como objetivo a promoção de Blavatsky como um sucessor do século dezenove de Cagliostro. Seu principal objetivo era de reviver o ocultismo Ocidental e criarem oposição ao Cristianismo Dogmático. Depois de chegar à Índia, HPB desenvolveu uma segunda agenda oculta definida pelos marajás e líderes religiosos com quem havia se aliado secretamente. Em termos amplos, esta agenda apresentava

objetivos de revivescência cultural Hindu e reforma social. Mas isto deixava espaço mais do que suficiente para interpretações conflitantes, como tornou-se quase que imediatamente claro com Swamy Dayananda. Na ocasião do relatório definitivo de Hodgson, Ranbir Singh estava morto e o movimento Singh Sabha estava dividido em numerosas facções hostis entre si, disputando os privilégios dos aristocratas Sikhs. Uma exposição total não apenas iria demonstrar os envolvimento, Blavatsky numa controvérsia política quanto iria deflacionar a fé dos Teosofistas na invulnerabilidade dos Mestres. A negação pura e simples da existência dos Mestres por Hodgson não afetou os crentes e, num certo sentido, protegeu HPB.

Mas HPB não estava inteiramente satisfeita com o impasse resultante, que injustamente a havia estigmatizado como uma falsa possuidora de ensinamento esotérico. De fato, a sua busca pelo conhecimento oculto havia sido tão ampla e extensa quanto outras que conhecemos na história deste tipo de 'busca' e ela estava determinada em prová-la ao fazer de seu livro 'A Doutrina Secreta' um clássico do esotericismo, o que de fato ocorreu. Embora até certa extensão o sucesso de seus escritos posteriores minoraram a dor do relatório de Hodgson, HPB sentia-se aprisionada pelo mito dos Mestres, embora este tivesse sido amplamente inventado por ela.

Chamar de mero mito àquela ocultista dos Mestres não é negar o seu valor ou validade, mas pelo contrário, caracterizar sua função para aqueles que aceitam. Os alegados escritos dos mestres são considerados como uma escritura sagrada; são vistos como verdades eternas preservadas por uma fraternidade secreta de âmbito mundial e transmitidos à humanidade à medida que torna-se capaz de recebê-las. A versão mítica das relações de HPB com os Mestres retrata-os como uma fraternidade sobre-humana monolítica que a escolheu como seu mensageiro para a humanidade. Sua busca se encerrou, de acordo com esta versão, aos vinte anos quando ela primeiro encontrou um misterioso sábio hindu em Londres; daí para a frente ela foi um mero instrumento nas mãos dos mestres revelando os seus ensinamentos progressivamente, debaixo de ordens diretas. A Teosofia foi um antigo corpo doutrinário que ela descobriu inteiro e transmitiu intacto.

De fato, a vida de HPB forneceu encontros contínuos com professores espirituais de várias tradições espirituais e nacionalidades. Sua peregrinação levou-a de Mestres Maçônicos a Xeiques Sufis, da Cabala ao Vedanta, do Espiritismo ao Budismo sem seguir qualquer ordem em particular. Desde o início da sua infância até o final de sua vida estava constantemente acrescentando novos conhecimentos àquilo que já havia armazenado de conhecimento oculto. A sua Teosofia foi uma brilhante síntese de elementos oriundos de dezenas de fontes não-relacionadas. Mas ela mitologizou a sua busca pelos mestres de tal maneira, que a sua própria busca permaneceu secreta. Sua fascinação adolescente com o mundo misterioso da Maçonaria oculta, na qual Mestres ocultos enviavam ordens que não podiam ser questionadas oriundas de localizações desconhecidas no Oriente levou-a a apresentar as suas experiências de acordo com um modelo hierárquico elaborado. Na realidade os seus Mestres constituíam não uma hierarquia estável, mas uma rede em constante evolução.

Sejam quais forem as maravilhas que Blavatsky tenha testemunhado nas suas viagens, estas provavelmente foram exageradas nos seus relatos para Olcott e outros na América. Mas, fazendo parte da sua tendência inata em exagerar as coisas, havia também aquele apetite desesperado de Olcott e outros discípulos pelo miraculoso. Suas necessidades

em acreditar em Mahatmas quase divinos fez com que HPB viesse a gerar um mito quasi-politeísta de que mais tarde viria a se lamentar. Numa carta que ela escreveu para Franz Hartmann, claramente reconhece a extensão em que os Mestres da Sabedoria Teosófica eram imaginários:

Onde você se refere à 'nia' dos iludidos e ao 'imaginário' dos Mahatmas de Olcott - você está absoluta e tristemente certo. Não vi a coisa toda por quase oito anos? Não lutei contra a imaginação ardente e esguichante de Olcott, tentando pará-lo a cada dia da minha vida? Não havia eu mesmo lhe dito que... se não visse os Mestres debaixo das suas próprias luzes e não cessasse de falar e inflamar as imaginações das pessoas que ele seria considerado como o responsável por todo o mal que poderia sobrevir à Sociedade Teosófica? Não lhe foi dito que não haviam tais Mahatmas que como Rishis podiam segurar o Monte Meru na ponta dos seus dedos e saírem voando com os seus corpos (!!) como quisessem e que eram (ou eram imaginados pelos tolos) mais deuses sobre a terra do que um Deus no Céu poderia sê-lo, etc, etc.? Tudo isto eu vi, previ, desesperei-me, lutei contra e, finalmente, desisti da luta, totalmente impotente. (7)

Estes protestos revelam uma memória bastante distorcida da sua relação com Olcott, que havia iniciado com um intenso esforço por parte de HPB de estimular aquele mesmo entusiasmo pelos Mestres, que mais tarde veio a se arrepender de tê-lo feito. Realmente, na sequência da investigação de Hodgson, Olcott estava acusando HPB pela desgraça causada pelos fenômenos que ela havia protagonizado em nome dos Mestres. Em Agosto de 1885, ela queixou-se a Sinnett que Olcott havia 'admitido cautelosamente que eu poderia ter substituído algum tipo de truque pelos fenômenos reais e que, de tempos em tempos, eu sofria de aberrações mentais'. Na sua perspectiva, isto implica que Olcott estava se confessando como o 'primeiro e principal confederado nos ditos fenômenos-truques. (8)

Na época em que HPB escreveu a Hartmann em Abril de 1886, as desvantagens em focalizar a atenção sobre os Mestres haviam tornado-se abundantemente claras. De fato, no mês precedente, Olcott havia ameaçado demitir-se da presidência da ST a menos que ela promettesse 'um total abandono do sensacionalismo' que, dizia ele, havia 'arruinado três quartos da ST.' (9) Mas HPB protestou, dizendo que o processo iniciou-se de maneira totalmente inocente:

Bem, eu contei-lhe toda a verdade. Disse a ele que eu havia conhecido Adeptos, os 'Irmãos' não somente na Índia e para além de Ladakh, mas no Egito e na Síria - porque existem 'irmãos' lá até os dias de hoje. Os nomes desses 'Mahatmas' sequer eram conhecidos na época, uma vez que somente recebiam esta denominação na Índia. Que, fossem conhecidos como Rosacruzes, Cabalistas ou Iogues - estes Adeptos eram Adeptos em todos os lugares - silenciosos, secretos, que se afastavam e que nunca se divulgavam inteiramente..(10)

A idolatria dos Mestres iniciou-se quando Olcott encontrou alguém em Bombaim e aumentou à medida que a Sociedade ampliou o seu número de membros na Índia:

Olcott enlouqueceu. Era como o asno de Balaão que viu o anjo! Então veio Damodar, Servai e vários outros fanáticos, que começaram a chamá-los de 'Mahatmas' e, pouco a pouco, os Adeptos foram transformados em Deuses sobre a Terra. Começaram a apelar a eles e a realizarem sua puja (adoração) e a cada dia tornavam-se cada vez mais

lendários e miraculosos... Vi com terror e ira o falso caminho que estavam trilhando. Os 'Mestres', como todos imaginavam, devem ser omniscientes, omnipresentes, onipotentes... A idéia de que os Mestres fossem homens mortais limitados inclusive em seus grandes poderes, nunca passou pela cabeça de ninguém, embora eles mesmos tivessem escrito isto repetidamente. (11)

Haviam acusações mais do que suficientes para todos, embora inicialmente HPB recusou-se em admitir a sua porção: Seria culpa de Olcott? Talvez em parte. Seria minha culpa? Absolutamente nego-a e protesto contra a acusação. Não é culpa de ninguém. Apenas a natureza humana e a falência da sociedade moderna e das religiões em fornecerem algo às pessoas que seja mais elevado e mais nobre do que a ânsia por dinheiro e honras - situa-se no seu fundo. Coloque esta falência num lado e os danos e confusão produzidos nos cérebros das pessoas pelo espiritismo moderno, você terá o enigma resolvido.(12)

Mas, numa reflexão posterior, HPB admitiu que a sua responsabilidade pelas visões falsas dos Mestres era maior que a de Olcott: Se alguém tem de ser acusado sou eu. Dessacralizei a santa Verdade, ao permanecer passiva demais frente a toda essa dessacralização, que foi desencadeada por um excesso de zelo e por idéias falsas. (13)

A incapacidade de Blavatsky em corrigir as visões distorcidas de seus Mestres foi parcialmente causada pela necessidade de manter as suas identidades em segredo. Depois do relatório de Hodgson, ela virtualmente parou de realizar fenômenos paranormais e raramente referia-se aos Mestres. Ela insistia que a sua 'Doutrina Secreta' deveria ser julgada por seus méritos apenas, e não apoiada em qualquer alegada autoridade. Embora tenha tentado recuperar algo da imagem dos Mahatmas que havia retratado, não estava disposta a identificar quem eles eram realmente, ou a admitir publicamente em que extensão eles haviam sido mitificados. Isto provavelmente seria devido ao papel político que desempenhavam, por exemplo: os anos finais de Thakar Singh foram devotados a uma conspiração anti-britânica com o objetivo de restaurar o seu primo, o Marajá Dalip Singh, deposto, novamente no trono. Mas ela também deve ter tido medo de desfazer o trabalho da sua vida e de minar o movimento Teosófico se admitisse as limitações excessivamente humanas dos Mestres. A ambivalência de HPB sobre este assunto em seus anos finais é iluminada por uma estranha decisão que ela tomou, enquanto editora do jornal Teosófico, Lucifer.

Franz Hartmann, a quem HPB havia confessado o seu desencanto sobre o culto aos Mahatmas, havia sido o seu principal defensor durante o processo de investigação pela Sociedade para Pesquisas Psíquicas. Nascido na Alemanha, Hartmann havia estado várias vezes na América quando entrou em contato com a Teosofia no final dos 1870. Depois de se ligar à Sociedade, viajou para a Índia, onde permaneceu por nove meses na matriz em Adyar. Ali ele envolveu-se em luta contra Emma e Alexis Coulobumb, cujas acusações de fraude conduziram ao relatório Hodgson. Ele publicou um livreto respondendo às acusações dos Coulobumbs, e permaneceu um Teósofo ao longo de todas as lutas que se seguiram. Ainda assim, a linguagem das cartas de HPB em 1886 demonstram que ele havia ficado profunda e tristemente desiludido com o culto aos Mestres e a liderança de Olcott.

Três anos mais tarde, a angústia de Hartmann sobre os Mahatmas imaginários produziu um fascinante trabalho literário, *The Talking Image of Urur* ('A Imagem Falante de

Urur'), que é importante pelas circunstâncias de sua publicação, quanto pelos seus conteúdos. Embora represente uma sátira amarga da Teosofia, dos Mestres e da própria HPB ainda assim, Blavatsky a publicou no *Lucifer*. Em seu prefácio, Hartmann explica que todos os eventos descritos naquela estória eram verdadeiros e que os personagens são misturas de pessoas vivas. Mas, acrescenta ele, 'esta não foi escrita com o propósito de atirar descrédito sobre nenhuma pessoa que possa imaginar-se aqui caricaturizada, 'mas com o único propósito de mostrar os absurdos que uma busca meramente intelectual de verdades espirituais pode conduzir.' Respeitosamente ele dedica o livro aos seus 'amigos pessoais e professores', HPB e Olcott, mas não podemos imaginar que ficaram muito contentes com aqueles retratos.

O roman à clef de Hartmann refere-se a um jovem chamado Pancho, vivendo em São Francisco, que é convertido a acreditar numa Misteriosa Fraternidade de Adeptos por um tal de Mr. Puffer, um palestrante-ambulante da Sociedade para a Distribuição de Sabedoria. Pancho o segue para a matriz da Sociedade, em Urur, África do Sul. Os membros mais conhecidos desta Misteriosa Sociedade são Rataboumatchi e Krahibashi, adeptos poderosos que vivem num enclave secreto no deserto da Líbia. A Sociedade é dirigida por um americano, Capitão Bumpkins, mas deriva seus ensinamentos de uma curiosa estátua falante que é o porta-voz da Misteriosa Fraternidade. A Imagem Falante responde a todas as perguntas infalivelmente, com a ajuda dos adeptos e atraiu a atenção de muitos buscadores.

Logo depois de chegar a Urur, Pancho visita a Imagem Falante, mas fica perplexo com as suas mensagens. Em alguns momentos, ela emite uma luz irreal e emite verdades profundas, mas com maior frequência, reflete os preconceitos dos questionantes, como se fosse um espelho e meramente confirma as suas superstições. Seus ensinamentos mais sábios são os menos compreendidos pelos crentes. Quando um investigador é enviado pela Sociedade para a Descoberta de Ciências Desconhecidas, encontra a matriz em Urur num pandemônio, causado pela caseira, Madame Corneille e seu marido, que juntaram suas forças contra os missionários, para denunciar a Imagem Falante.

No ápice da controvérsia, a Imagem desaparece de Urur. Pancho logo depois também sai e, no final da estória, ele a acaba encontrando novamente numa pequena cidade italiana. Quando a imagem lhe conta que a sabedoria que provém do oriente é a melhor e deve ser aceita, ele retruca, 'Existe apenas uma única sabedoria, porque existe apenas uma única verdade e nem é oriunda do Leste ou Oeste, mas pela aquisição do auto-conhecimento.' (15). Isto quebrou o encanto que prendia a alma da Imagem Falante à sua forma inanimada. Depois de uma discussão sobre a natureza da verdade divina, a mensagem final da Imagem Falante conclui a estória:

'Nenhum homem pode ensinar a verdade para o outro se esta não se manifesta nele e através dele. Não siga aqueles que de voz alta afirmam serem capazes de conduzi-los para a verdade, mas busquem pelo própria verdade...'

'E sobre a Misteriosa Fraternidade?' perguntou Pancho. Ele não recebe nenhuma resposta. Ante os seus olhos uma grande transformação aconteceu. A luz no interior da Imagem começou a brilhar cada vez mais intensamente e a própria imagem tornou-se cada vez mais etérea e transparente. Era como se toda a substância que a compunha houvesse se transformado numa nuvem de luz vivente... Finalmente, até mesmo aquela aparência de nuvem desapareceu; não havia nada do caráter material restando, a

Imagem havia tornado-se alma inteiramente - um raio de glória sobrenatural - que lentamente dissipou-se. (16)

Quando HPB foi liberada do serviço aos Mestres Ocultos, ingressou na parte mais produtiva da sua carreira. Somente depois de abandonar a Índia é que começou a escrever os livros pelos quais é melhor lembrada na atualidade. A conclusão de Hartmann expressa a sua percepção da transformação pela qual HPB passou quando abandonou todas as afirmações sensacionais e os fenômenos e podia concentrar-se na divulgação das verdades que havia vislumbrado nos seus anos de busca.

Embora tenha mais tarde desenvolvido atividades na Maçonaria, Rosacruzianismo e na Ordo Templi Orientis, Hartmann permaneceu um Teósofo. Estabeleceu uma Sociedade Teosófica independente na Alemanha, tenazmente oposta ao cultos dos Mestres, tal como ocorria na ST em Adyar, agora debaixo da liderança de Annie Besant.

Em Março de 1889, HPB escreveu um artigo para Lucifer, intitulado On Pseudo-Theosophy ('Sobre a Pseudo-Teosofia'), onde responde a uma estória publicada no Daily News sobre a novela de Hartmann. O jornal relatou que alguns Teosofistas estavam preocupados por esta publicação e sugeria que 'as dúvidas que haviam sido levantadas não seriam facilmente respondidas.' (17) HPB responde que ela estava publicando a novela de Hartmann precisamente no sentido de despertar dúvidas naqueles que viessem a se reconhecer nela. Acrescenta, 'Este nosso procedimento - publicar uma sátira, que aos pobres de espírito, parece estar direcionada contra seus deuses e grupelhos somente porque são incapazes de perceberem a filosofia e a moral subjacente nela, criou bastante controvérsia.' (18)

Mas embora alguns ficassem ofendidos, HPB pergunta-se, 'Se Mme. Blavatsky - presumivelmente a própria Imagem Falante - não encontra objeções em ver-se representada como um tipo de papagaio mediúnico, porque então 'outros teosofistas' iriam objeccionar?' E acrescentou: 'Se o primeiro objetivo de nossa Sociedade não for o do estudo do nosso próprio eu, mas em descobrir as faltas em tudo e todos exceto em nós, então realmente a ST estará condenada - como já está em certos centros - a ser uma Sociedade de Admiração Mútua, um assunto digno para uma sátira tão mordaz de uma pessoa tão arguta quanto o autor de 'A Imagem Falante de Urur'.(19) Isto praticamente apoiava as perspectivas de Hartmann, e a sua publicação da novela era uma clara afirmação de que os seus patrocinadores adeptos eram muito mais humanos e menos divinos do que os Mahatmas imaginários que ele satirizava.

Num artigo não publicado, escrito nos últimos anos de sua vida, HPB conclui ainda assim que a sua divulgação dos Mestres não lhes havia causado nenhum dano: Um dos principais fatores no redespertar de Aryavarta (Índia) que foi parte do trabalho da Sociedade Teosófica, foi o ideal dos Mestres. Mas, devido a uma carência de julgamento, discrição e discriminação, assim como as liberdades assumidas com os seus nomes e Personalidades, grandes erros e confusões nasceram referentes a eles. Eu estava debaixo de um juramento sagrado de nunca revelar a verdade integralmente para ninguém... Tudo que me era permitido revelar era que eles existiram em algum lugar como grandes homens, que alguns deles foram Hindus e que tinham conhecimento como ninguém mais... e também que fui um chela de um deles... Eles eram chamados de 'Mahatmas'... Estas confusões iniciais, ainda assim, a própria idéia dos Mestres e a crença neles, já trouxe o seu fruto bom na Índia. Seu maior desejo era o de preservar o

verdadeiro espírito religioso e filosófico da antiga Índia, defender sua antiga sabedoria contida nos seus Darsanas e Upanishads contra os assaltos sistemáticos dos missionários e, finalmente, despertar o espírito ético e patriótico naqueles jovens onde quase veio a desaparecer. (20)

Num estado de espírito menos esperançoso, HPB lamentou sobre os efeitos indesejáveis sobre o trabalho de sua vida, no seu último livro: 'A Chave para a Teosofia': ...Cada sociedade cheia de truques e fraudulenta, para propósitos comerciais, agora clama abertamente estar sendo guiada e dirigida por 'Mestres' frequentemente situados muito mais acima do que os nossos... Tivéssemos nós atuado dentro do sábio princípio do silêncio, ao invés de correr em direção à notoriedade, tal dessacralização nunca teria ocorrido... Mas é inútil chorar sobre o que foi feito e podemos apenas sofrer na esperança de que as nossas indiscrições possam ter tornado um pouco mais fácil encontrar o caminho destes Mestres.(21)

Embora os pretensos agentes dos Mestres são mais numerosos do que nunca, o acesso a professores genuínos de tradições esotéricas autênticas aumentou numa taxa comparável. Tanto os temores quanto as esperanças de Blavatsky sobre a influência da Teosofia foram confirmadas no século que se seguiu às palavras que ela mesma escreveu.

Notas:

1. C.J. Jinarajadasa, editor, Letters from the Masters of Wisdom, segunda série, (Adyar, Índia, Theosophical Publishing House, 1973), pp. 80-81.
2. Ibidem, p.85.
3. Ibidem, p.86.
4. Sylvia Cranston, HPB: The Extraordinary Life and Influence of Helena Petrovna Blavatsky, Founder of the Modern Theosophical Movement (New York: Tarcher/Putnam, 1993), p. 132.
5. Jinarajadasa, p.108.
6. H.P. Blavatsky, Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett (Pasadena, Calif.: Theosophical University Press, 1973), p. 171.
7. H.P. Blavatsky, Letters of H.P.B. to Hartmann, The Path, Março de 1896, p. 368-69.
8. Blavatsky, Letters to Sinnett, p.111.
9. Ibidem, p. 334.
10. Blavatsky, Letters to Hartmann, p. 369-70.
11. Ibidem, p. 370.
12. Ibidem, p. 371.
13. Ibidem, p. 372.
14. Franz Hartmann, The Talking Image of Urur (New York, Loevell, 1890).
15. Ibidem, p.285.
16. Ibidem, p.287.
17. H.P. Blavatsky, On Pseudo-Theosophy, Collected Writings, vol 11, (Wheaton, Ill.: Theosophical Publishing House, 1973), p. 46.
18. Ibidem, p.47.
19. Ibidem, p. 49.
20. H.P. Blavatsky, Why I Do Not Return to Índia, Collected Writings, vol.13, p. 158-59.

21. H.P. Blavatsky, *The Key to Theosophy* (Los Angeles: Theosophical Company, 1973), p. 301.

Publicado no Tentáculo
Tradução NoKhooja